

## SILÊNCIO NO LABIRINTO DAS VOZES: UMA LEITURA DAS NARRATIVAS DA INOCÊNCIA EM *GONE INDIAN*, DE ROBERT KROETSCH

RÉGIS DE AZEVEDO GARCIA<sup>1</sup>; RUBELISE DA CUNHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande - FURG – regisgarcia@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande - FURG – rubelise@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O Canadá tende a ser lido como a última fronteira (ainda explorável) do território da América do Norte, contradizendo a afirmação de Fiedler em *An End To Innocence* (1972), sobre o adiamento – ou prolongamento – interminável desta fronteira, onde o autor aponta que "Montana é a última fronteira, não há mais Ocidente final" (FIEDLER, 1972, p. 137). Mover-se ao longo da última fronteira é muitas vezes entendido tanto como um ato de escapar de uma civilização perversa e de rendição à natureza como fonte de força, verdade e virtude (SMITH, 1982, p. 71) ou como um ato de silenciamento e conquista do Outro por meio de impressão de significados eurocêntricos em um suposto vazio da natureza selvagem. Esta última noção de fronteira é derivada de um longo processo colonial e foi problematizada por teóricos do pós-colonial contra a objetivação, apropriação ou redução do Outro além da fronteira.

Além disso, o Canadá é uma nação consideravelmente jovem. Por tratar-se de uma antiga colônia britânica e francesa, o grande florescimento canadense aconteceu em um passo bastante acelerado no qual a literatura sempre teve um importante papel no desenvolvimento político. Como em muitos, senão em todos, processos de colonização, a única história bastante conhecida é aquela da superfície, aquela escrita pelo colonizador. De acordo com Bill Ashcroft em *Post Colonial Transformation* (2001), "história, assim como a própria temporalidade, é uma construção da língua e da cultura, e, em última instância, o *locus* de uma luta por controle, na qual a escrita pós colonial encontra-se em uma posição particularmente estratégica de engajamento" (ASHCROFT, 2001, p. 82), que enfatiza a ideia de prevalência da história do colonizador sobre a história do sujeito colonizado. De qualquer maneira, este estudo está interessado nas representações do Outro pós-colonial na literatura.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta-se como um recorte da dissertação de mestrado provisoriamente intitulada "Silêncio no labirinto das vozes: uma leitura das narrativas da inocência em *Gone indian* (1973), de Robert Kroetsch", ainda em período de escrita, e deve contemplar, principalmente, a discussão de seu primeiro capítulo, que deverá se chamar "A (última?) fronteira". A partir deste recorte, pretende-se apresentar as considerações iniciais acerca do contexto histórico no qual o romance *Gone Indian*, de Robert Kroetsch, foi discutido e analisado, especialmente considerando os tópicos da fronteira, da natureza selvagem, do silêncio, da liberdade e da inocência, além de conter uma prévia revisão da literatura, com textos críticos relevantes para a leitura dos tópicos do silêncio e da natureza selvagem em *Gone Indian*. Também será apresentado um panorama dos paradigmas conceituais do pós-colonialismo nos quais os capítulos analíticos da dissertação deverão estar baseados.

## 2. METODOLOGIA

Para este trabalho, considerando que já existe uma organização de estudo do romance e de escrita sobre o apresentado na introdução, a metodologia deverá contemplar a releitura do romance de Robert Kroetsch, a revisão e expansão da fortuna crítica levantada até o presente momento através da utilização de sistemas de busca e bibliotecas que possam oferecer o material com a significância desejada. Durante este momento de coleta e análise dos dados, a escrita já deve ser iniciada com base no material disponível.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como objetivo geral deste trabalho a investigação das narrativas do silêncio e da inocência e a natureza selvagem em *Gone indian*, de Robert Kroetsch, a partir das considerações abordadas no primeiro capítulo da dissertação intitulada “Silêncio no labirinto das vozes: uma leitura das narrativas da inocência em *Gone indian* (1973), de Robert Kroetsch”, ainda não é possível tecer uma conclusão global para o estudo, mas já é possível perceber que o caminho teórico a ser percorrido é bastante pertinente.

A partir das leituras e da análise feita até o presente momento, é possível perceber que o contexto histórico analisado a partir da posição de diversos autores, mas principalmente de Leslie Fiedler, demonstra que há uma transformação virtual da fronteira que segue a criação não estanque do mito do Oeste Selvagem. Nesse sentido, os mitos (deturpados) que são apresentados como fundadores de posturas que levam ao que é entendido por problemática no âmbito global do trabalho, já parecem suficientes para servir de base – como resultado prévio de leituras – para o resto da elaboração da dissertação.

## 4. CONCLUSÕES

O presente trabalho, por constituir-se de apenas um recorte de uma dissertação, ainda é passível de mudanças ao longo da escrita da mesma, mas mesmo assim já é possível perceber que já existe material significativo para refletir acerca de algumas hipóteses iniciais do projeto da dissertação, assim como material que já sirva de pilar para examinar como o desenvolvimento do silêncio e da voz são constituídos no romance e como são problematizados juntos com as representações da natureza selvagem a partir de uma perspectiva dos estudos culturais e, mais especificamente, do pós-colonialismo, bem como do ponto de vista da história da literatura, principalmente considerando a relação absoluta entre a literatura no Canadá e sua história. Em outras palavras, assumindo que literatura é, em parte, um documento histórico, a parte referente a história indígena canadense acaba por sofrer um desfalque devido a falta de documentação formal de sua própria história. Mesmo que a história nativo-canadense possa receber suporte da tradição oral, autores nativo-canadenses – especialmente os mais novos, e inclusive por desconstrução dos textos do Outro a partir de uma perspectiva pós-colonial, fazem com que “legitimar a existência” (ASHCROFT, 2001, p. 83), de acordo com Ashcroft, seja uma tarefa complicada.

Para continuidade do estudo, o próximo passo deve ser a reorganização e elaboração de uma revisão teórica já oferecida, porém estendida, coleta de novos e mais pontuais dados de acordo com a elaboração do primeiro rascunho e, concomitantemente a isso, a análise destes dados acerca da obra e outras instâncias teóricas relacionadas com a dissertação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHCROFT, B. **Post Colonial Transformation**. London: Routledge, 2001.

FIEDLER, L.A. **An End To Innocence**. New York: Stein and Day, 1972.

SMITH, H.N. **Virgin Land**. London: Harvard University Press, 1982.